



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARISA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS E BRINCADEIRAS COOPERATIVOS
PARA A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA**

BRASÍLIA, DF

2019

MARISA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS E BRINCADEIRAS COOPERATIVOS
PARA A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá

BRASÍLIA, DF

2019

MARISA DE OLIVEIRA SAMPAIO

AS CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS E BRINCADEIRAS COOPERATIVOS
PARA A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá
Orientador - FE - UnB

Profa. Dra. Ireuda da Costa Mourão
Examinadora - FE - UnB

Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza
Examinadora - FE - UnB

Profa. Doutoranda Érica Santana Silveira Nery
Suplente - FE - UnB

Resultado: Aprovado. Data: 10/06/2019.

*A Deus, aos meus pais, Geísa e Sampaio, e às
minhas irmãs, Marina e Maristela.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me concebeu a vida e que sempre me acompanha em todos os meus caminhos. Agradeço a minha mãezinha Nossa Senhora Aparecida por estar comigo em todos os momentos de minha vida.

À minha amada família: Raimundo Nonato Sampaio, Maria Geísa de Oliveira Sampaio, Marina de Oliveira Sampaio e Maristela de Oliveira Sampaio, por serem as pessoas que me apoiaram, me incentivaram e sonharam junto comigo. Agradeço aos meus amigos Raphael Rodrigues Pereira, por me acompanhar em minha trajetória na graduação e Nilson Couto Magalhães por me incentivar a sempre estudar.

Às amigas que fiz na graduação, em especial: Ana Luiza, Juliana, Karina e Maria Isabel, por tornarem minha trajetória na Faculdade ainda mais alegre e divertida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), possibilitou-me um mundo de descobertas e novas responsabilidades no ambiente escolar e acadêmico.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), me proporcionou uma vivência acadêmica enriquecedora.

Às profissionais da escola onde pude estagiar durante o Pibid: Aline, Evanda, Ivete, Janaína e Maria, por acompanharem a minha trajetória na graduação e por trazerem contribuições significativas para a minha formação.

À professora Juliana, que se dispôs a participar da pesquisa prática (Projeto 5), concedendo-me momentos de brincadeiras e jogos com a sua turma.

Às 21 crianças que participaram desta pesquisa, por se interessarem pelas brincadeiras e jogos cooperativos apresentados e por me ensinarem grandes valores.

À comunidade escolar do Jardim de Infância onde realizei esta pesquisa, que foi muito acolhedora e esteve sempre disposta a me auxiliar no que fosse preciso.

Às pessoas que me acolheram no Pibid, em especial às professoras Ireuda da Costa Mourão, Maria Emília Gonzaga de Souza e Solange Alves de Oliveira, auxiliando-me e incentivando-me a sempre estudar com responsabilidade e dedicação.

Ao professor orientador Dr. Antônio Villar Marques de Sá, que com sua boa vontade, me acolheu com este trabalho de conclusão de curso, sempre disposto a me orientar, a me aconselhar e a responder aos meus questionamentos em relação à pesquisa.

À Secretaria da Faculdade de Educação, em especial ao William, que me ajudou a resolver questões voltadas à aquisição de documentação e aos processos de matrícula em disciplinas durante a minha graduação.

Ao Roberto, da recepção da FE, que recebia, com muita alegria, as pessoas que por ali passavam; ao seu Joel, que atendia nas fotocópias, sempre muito alegre e gentil; e aos funcionários Raimundo e Tatiane, que, muito gentis e dedicados, trabalhavam na limpeza da FE, deixando os espaços da Faculdade muito agradáveis para as pessoas estudarem.

Aos professores da Faculdade de Educação. Cada um, ao seu modo, soube me ensinar a ser uma profissional dedicada e responsável pelo que faz.

Aos professores que participaram da Banca Examinadora, que, muito gentilmente, avaliaram este trabalho de conclusão de curso.

E por fim, agradeço a todos os funcionários da Universidade de Brasília que conheci, seja por poucos instantes ou durante toda a minha trajetória na graduação, que souberam desempenhar o seu trabalho com dedicação, responsabilidade, respeito e educação.

A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa, ou de qualquer outra índole. Deve ser educada dentro de um espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universais e com plena consciência de que deve consagrar suas energias e aptidões ao serviço de seus semelhantes (Princípio X da Declaração Universal dos Direitos da Criança. UNICEF, 1959).

RESUMO

Este trabalho procura compreender quais são as contribuições que os jogos e as brincadeiras, cooperativos, podem trazer para a formação de crianças que cursam a pré-escola, bem como, a percepção que as crianças têm desses jogos e brincadeiras. Em um mundo cada vez mais competitivo e individualista, é importante contemplar a cooperação para que valores como inclusão, respeito, união e paz façam parte do cotidiano do ser humano. A partir de alternativas de jogos e brincadeiras, que abrangem não só os competitivos, mas também os cooperativos, pode-se proporcionar a essas crianças uma educação para a paz. Por isso, através de uma metodologia de cunho qualitativo, que considera as particularidades e as contribuições de cada participante, foram levados brincadeiras e jogos cooperativos para uma turma de 21 crianças do 2º período da Educação Infantil de uma escola pública, localizada na Asa Norte, Brasília, Distrito Federal. O referencial teórico complementa a pesquisa ao explicitar os benefícios da cooperação, dos jogos e das brincadeiras durante a infância. Autores como Almeida (2010), Brotto (1997), Brougère (2008), Huizinga (2010), Kamii (2009), Kishimoto (2003), Sá (2013) e Soler (2011) foram essenciais para o desenvolvimento e fundamentação teórica do trabalho. De acordo com os resultados apresentados, nota-se que as brincadeiras e os jogos cooperativos podem ser fundamentais para desenvolver valores, habilidades de coordenação motora e socialização.

Palavras-chave: Jogos cooperativos. Brincadeiras cooperativas. Pré-escola. Infância. Educação para a paz.

ABSTRACT

This paper points out the contributions that games and pranks, cooperatives, can bring to the formation of children who attend preschool. In an increasingly competitive and individualistic world, it is important to contemplate the cooperation, so that values such as inclusion, respect, unity and peace are part of the daily life of the human being. From games and play alternatives, which cover not only the competitive ones, but also the cooperatives can provide these children with an education for peace. Therefore, through a qualitative methodology, which considers the particularities and contributions of each participant, play and cooperative games were taken for a class of 21 children from the 2^o period of early childhood education of a public school, located in Asa Norte, Brasília, Distrito Federal. The theoretical framework complements the research by explaining the benefits of cooperation, games and pranks during childhood. Authors such as Almeida (2010), Brotto (1997), Brougère (2008), Huizinga (2010), Kamii (2009), Kishimoto (2003), Sá (2013) and Soler (2011) were fundamental for the development and theoretical foundations of the work. According to the results presented, it is noted that pranks and cooperative games can be instrumental in developing values, motor coordination and socialization skills.

Keywords: Cooperative games. Cooperative pranks. Preschool. Infancy. Education for peace.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Classe 401 do Recanto das Emas – DF.....	16
Figura 2 - Centro de Ensino Fundamental 801 do Recanto das Emas – DF	17
Figura 3 - Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia – DF.....	17
Figura 4 - Jardim de Infância	41
Figura 5 - “Passando o bambolé”	44
Figura 6 - “Passando o bambolé”	44
Figura 7 - “Abraços musicais”	45
Figura 8 - “Abraços musicais”	46
Figura 9 - “Reloginho”	47
Figura 10 - “Cadê o coelhinho?”	47
Figura 11 - “Cadê o coelhinho?”	48
Figura 12 - “Cadê o coelhinho?”	48
Figura 13 - “Cadê o coelhinho?”	49
Figura 14 - “Chapéu mágico”	49
Figura 15 - “Leia o meu crachá”	50
Figura 16 - “Leia o meu crachá”	51
Figura 17 - “Boliche cooperativo”	51
Figura 18 - Varal de reflexões	52
Figura 19 - Turma registrando os jogos e as brincadeiras cooperativos	52
Figura 20 - Desenho da Valentina.....	53
Figura 21 - Desenho da Rafaella.....	54
Figura 22 - Desenho do Felype.....	54
Figura 23 - Desenho da Valentina.....	55
Figura 24 - Desenho da Samila	55
Figura 25 - Desenho do Heitor.....	56
Figura 26 - Desenho da Lara.....	56
Figura 27 - Desenho da Victória	57
Figura 28 - Desenho da Valentina.....	57
Figura 29 - Desenho da Samila	58
Figura 30 - Desenho da Lara.....	58
Figura 31 - Desenho da Aurora.....	59

SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior
Cilc	Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
BIA	Bloco Inicial de Alfabetização
DF	Distrito Federal
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
Geppesp	Grupo de Estudos e pesquisa “profissão docente: formação, saberes e práticas”
IPA	International Play Association
PAS	Programa de Avaliação Seriada
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
MEMORIAL EDUCATIVO	14
INTRODUÇÃO	23
1 REFERENCIAL TEÓRICO	25
1.1 O conceito de jogo, brincadeira e ludicidade	25
1.2 A cooperação como elemento fundamental nos jogos e nas brincadeiras infantis	27
1.3 A Educação Infantil, a infância, o brincar e o jogar com um direito das crianças	28
1.4 Os comportamentos das crianças nas brincadeiras e nos jogos	32
1.5 O jogo, a brincadeira, a cooperação e as regras	35
2 METODOLOGIA	40
2.1 Contexto de elaboração das produções empíricas	40
2.1.1 A escola	40
2.1.2 Os participantes	41
2.2 Sobre a elaboração das informações empíricas	42
2.3 Sobre a análise das informações empíricas	42
2.3.1 Análise documental dos desenhos e apontamentos das crianças sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos	42
2.3.2 O grupo focal com varal de reflexões	43
2.3.3 As brincadeiras e os jogos cooperativos na prática	43
3 RESULTADOS	53
3.1 Os desenhos das crianças	53
3.2 A análise dos desenhos das crianças	59
3.3 O Grupo focal com varal de reflexões	60
4 ESCOLA, ESPAÇO MOTIVADOR DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	69

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa foi realizada em atendimento a um dos requisitos para obtenção do título de licenciatura no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Refere-se a um trabalho desenvolvido no primeiro semestre de 2019, na disciplina Projeto 5, ministrada pelo professor Dr. Antônio Villar Marques de Sá. Esta pesquisa está dividida em três partes: a primeira, sobre o meu memorial, explicitando minha trajetória estudantil desde a educação básica até a graduação; a segunda parte refere-se à pesquisa: “As contribuições dos jogos e brincadeiras cooperativos para a formação de crianças na pré-escola”, realizada em uma escola pública localizada na Asa Norte, na cidade de Brasília, Distrito Federal, e por fim, a terceira parte, sobre as minhas expectativas profissionais.

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

Eu me chamo Marisa de Oliveira Sampaio, tenho 21 anos de idade e uma linda família: meu pai, Raimundo Nonato Sampaio, minha mãe, Maria Geísa de Oliveira Sampaio e minhas duas irmãs Marina (a mais velha) e Maristela (a caçula). Eu nasci em 15 de Junho de 1997 no Hospital Regional de Ceilândia, no Distrito Federal - DF.

Lembro-me que desde muito cedo meus pais me incentivavam a estudar, antes mesmo de eu estar matriculada pela primeira vez em um estabelecimento de ensino. Meu pai, servidor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, no cargo de Técnico em Infraestrutura Escolar - Vigilância, com sua experiência e sabedoria, me aconselhava a estudar, a ler e a escrever. Minha mãe, dona do lar, sempre muito amorosa conosco e dedicada com a nossa formação, me estimulava a brincar, a ser uma pessoa responsável e estudiosa, além disso, muitas vezes me ajudava nos conteúdos escolares os quais tinha dificuldade.

Foi aos seis anos de idade que eu realmente iniciei a minha trajetória escolar. No ano de 2003, eu e minha família residíamos na cidade do Recanto das Emas (DF)¹. Diante da importância de ter uma boa formação já nos primeiros anos escolares, meus pais procuraram uma escola para me matricular, no entanto, não havia colégios públicos de Educação Infantil perto do lugar onde morávamos.

Então, meus pais me matricularam no estabelecimento de ensino menos distante do lugar onde residíamos, a Escola Classe 401 do Recanto das Emas. Eu fiquei muito feliz com a notícia de que teria uma escola para estudar, pois gostava muito de aprender, inventar histórias, dar aulas e principalmente brincar.

Meus pais, muito trabalhadores, acordavam cedo para me deixar na escola todos os dias. Não só eu, mas também minha irmã mais velha, Marina, que estudava em outra escola. Todas as manhãs ou meu pai ou minha mãe nos levava até os nossos respectivos colégios. Nós percorríamos a distância de 1,7 km para chegar até a Escola Classe 401. Com o tempo, meus pais passaram a me levar de bicicleta. A viagem encurtava-se e era bem mais confortável, pois recordo da garupa que, com muito carinho, minha mãe arrumava para mim.

Minhas duas irmãs me proporcionaram viver uma infância muito feliz e saudável. Sou a irmã do meio, portanto, a experiência de ter duas irmãs é muito boa, tanto para aprender, trocar vivências e dificuldades, como colocar em prática o que se aprende e quer ensinar.

Como gostávamos muito de brincar de escolinha quando crianças, as minhas irmãs me oportunizaram experiências importantes a partir da brincadeira. Fazíamos de conta que éramos professora ou aluna, além disso, fomos companheiras de histórias e brincadeiras, que

¹ O Recanto das Emas é uma região administrativa do Distrito Federal (RA XV), localizada a 25 quilômetros de Brasília.

muitas vezes eram cooperativas, como pular corda, ciranda, carrinho de mão, também nos divertíamos com jogos competitivos como adedonha, jogo da velha e xadrez.

Na Escola Classe 401, estudei um ano de Educação Infantil e realizei a primeira série do Ensino Fundamental. Durante esses dois anos, tive professoras maravilhosas que se dedicaram a ensinar com paciência e respeito, Lourdes e Norbelina.

Figura 1- Escola Classe 401 do Recanto das Emas – DF



Fonte: Correio Braziliense (2012).

Em 2006, passei a estudar no Centro de Ensino Fundamental 801 do Recanto das Emas. Foram os melhores anos escolares da minha vida! Naquela época, a instituição tinha sua estrutura formada por madeirite, mas era muito acolhedora e possuía uma sala de leitura, espaço que contribuiu bastante para que eu gostasse de ler e de estudar. Nesse colégio, estudei da segunda até a oitava série do Ensino Fundamental.

Durante toda a minha formação, o Centro de Ensino Fundamental 801 foi a escola que mais me incentivou a estudar. Eu tive excelentes professores, entre eles o professor Marcial, de ciências e a professora Rosimeire, de língua portuguesa. Eles me ensinaram com amor e muita dedicação, trazendo aulas divertidas e dinâmicas que faziam com que toda a turma se interessasse pelo conteúdo. Nessa instituição, concluí o Ensino Fundamental anos iniciais e finais.

Figura 2 - Centro de Ensino Fundamental 801 do Recanto das Emas – DF



Fonte: Brasília Capital (2016)

Outro fator importante para a minha formação e que me influenciou a escolher a profissão professora foi o ingresso no Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (Cilc) - DF em 2010. Nessa escola, aprendi sobre a escrita, a fala, os costumes, a culinária típica, a política, entre outros assuntos referentes à língua e à cultura inglesa. Isso me ajudou a ter êxito em importantes provas, como o vestibular da Universidade de Brasília (UnB) o qual realizei cinco anos depois. O Cilc era um espaço muito bom para estudar. Lembro-me da biblioteca e das salas de aula, locais onde eu gostava de revisar algum conteúdo da escola.

Figura 3 - Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia – DF



Fonte: Arquivo pessoal da autora, fevereiro de 2019.

Quando concluí o Ensino Fundamental em 2011, me dediquei para um concurso de bolsas para ingressar no Ensino Médio do Colégio Juscelino Kubitschek, localizado em Taguatinga - DF, escola particular onde fui estudante durante os meus três anos de Ensino Médio. Nessa época, meus estudos foram todos voltados para o ingresso na UnB.

Durante esse tempo, estudava pela manhã na escola e à tarde em casa. Eu gostava muito de aprender, no entanto, tinha dificuldades em entender alguns conteúdos das disciplinas de exatas. Eu tinha que estudar bastante para os conteúdos de física e química, isso durante todo o meu Ensino Médio. Mas, graças a Deus, tive o auxílio de excelentes professores que me ensinaram com muita paciência e que enxergaram a dedicação de seus alunos, como os professores Léo de matemática, Paulo Henrique de literatura, e Fernando (Fuinha) de química.

O meu Ensino Médio foi bastante cansativo. Eu estudava muito, inclusive aos finais de semana. Apesar do cansaço e dos variados conteúdos, dos quais alguns via utilidade somente para o vestibular, eu aprendi muito e percebi que todo esforço seria preciso se quisesse me formar em uma boa universidade pública.

Durante a minha trajetória na Educação Básica, eu me considero como uma estudante formada em especial pela escola pública. Nas instituições públicas, eu vivi uma realidade e foi nesses espaços que me percebi como professora. Apesar de ter vivenciado a carência de pessoal docente e as estruturas de escolas precárias, vivi, em sua maioria, coisas boas na escola, como o trabalho dedicado dos meus professores, além do meu envolvimento em importantes projetos interdisciplinares.

Um desses projetos foi o programa *Ciência em Foco*, uma ferramenta essencial de estudos implantada em minha escola durante o meu Ensino Fundamental. Tal projeto, voltado para estudantes de escolas públicas entre o 1º e o 9º ano, objetivava contemplar uma metodologia de ensino que valorizasse a verificação e as experiências práticas sobre o conteúdo de ciências que os alunos estariam estudando em sala de aula. Ele foi fundamental para a minha formação, pois eu tive a oportunidade de vivenciar, em sala de aula, o conteúdo de ciências na prática.

Portanto, eu penso que um professor ou um aluno comprometido e dedicado para com a sua educação e a dos outros, pode mudar a realidade de sua escola, ao menos, de sua própria turma. O sentimento de pertencimento pelas escolas públicas em que estudei era muito grande, isso me fez perceber que quando somos respeitados como estudantes, professores, funcionários ou pais, ou seja, como seres humanos, valorizamos o trabalho que cada um pode desempenhar e contribuimos para o bem estar de todos.

Depois de ter concluído o Ensino Médio, em 2014, e ter realizado as três provas do Programa de Avaliação Seriada (PAS), bem como, do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), eu esperava o resultado na lista de aprovados da Universidade de Brasília; no entanto, não obtive êxito. Mas, isso não me desanimou, continuei perseverante e estudei para o vestibular tradicional da UnB. Até que em agosto de 2015, tornei-me, oficialmente, uma estudante universitária do curso de Pedagogia.

Ao ingressar na UnB, eu me senti muito feliz, pois todo o esforço e dedicação, além do apoio da minha família durante o tempo de preparo para as provas, tinham dado resultado. Fui bem recebida pela Universidade. Lembro-me que no primeiro dia de aula, Maurício de Sousa² foi o convidado especial na recepção dos calouros. Foi muito bom conhecer uma pessoa que na minha infância contribuiu para o meu gosto pela leitura.

Na Universidade, tive experiências muito boas. Ao iniciar o curso de Pedagogia, uma ótima oportunidade me foi apresentada: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), projeto que consistia em antecipar os vínculos entre as escolas públicas e os estudantes que se preparam para atuar como professores.

Com isso, participei do Pibid no Jardim de Infância 312 Norte (Brasília - DF) durante dois anos (2016-2017). Eu frequentava o colégio duas vezes por semana para acompanhar uma turma de primeiro período. Nessa escola, eu aprendi a ministrar aulas, a preparar materiais educativos, a ajudar as crianças nas tarefas e a realizar projetos pedagógicos. Foi lá também, que conheci professoras dedicadas, como Aline, Evanda, Janaína e Maria, as quais me ensinaram que o trabalho docente deve ser realizado com muita dedicação e responsabilidade.

Programas como o Pibid deveriam estar mais presentes na vida de um estudante que se prepara para se tornar professor, pois considero que o exercício da prática é fundamental para compreendermos a teoria. Este projeto foi, sem sombra de dúvida, essencial para a minha formação e para a minha escolha por uma profissão.

No meu curso de Pedagogia, pude estudar mais profundamente os conteúdos voltados à educação. A teoria e a prática relacionadas são importantes para que o estudante, que se prepara para atuar como professor, possa perceber a fundamentação e a relevância do que estuda. Durante a minha formação no curso de Pedagogia, as disciplinas que mais contribuíram para a minha formação foram:

² Maurício de Sousa é um cartunista brasileiro, mais conhecido por ter criado “A Turma da Mônica”.

Atividades Lúdicas em Início de Escolarização, Didática Fundamental, Educação em Geografia, Educação Matemática 1, Educação Matemática 2, Escolarização de Surdos e Libras, Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, Introdução à Classe Hospitalar, Oficina do Professor Leitor, Processo de Alfabetização, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Projeto 3- Projetos Individualizados 3 (Pespe), Projeto 4- Projetos individualizados de Prática Docente (SEPD), Projeto 4- Projetos Individualizados de Prática Docente 2 (SEPD), Teoria e Prática Pedagógica 2 e Tópicos Especiais em Prática Pedagógica.

Essas disciplinas ajudaram-me a perceber a importância que o trabalho do professor pode ter em variados contextos, tanto nos ambientes escolares, como nos espaços mais diversos, como hospitais. Além disso, aprendi sobre a importância de preparar aulas interessantes e diversificadas para os estudantes, as quais ressaltassem o seu aprendizado e desenvolvimento.

Neste sentido, a minha trajetória na Universidade de Brasília foi marcada por boas experiências. Eu pude participar de importantes encontros sobre a formação docente, como o Grupo de Estudos e Pesquisa “Profissão docente: formação, saberes e práticas” (Geppesp), enquanto realizava a disciplina Projeto 3.3, ministrada pela professora doutora Ireuda da Costa Mourão. Eu aprendi bastante com esse grupo de pesquisa, pois estudantes de graduação em Pedagogia, de Mestrado e professores da Secretaria de Educação (SEDF) se reuniam para conversar sobre a formação do professor e temas relevantes à educação.

Outro fator muito importante para a minha formação foi o ingresso no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) em 2018. Assim, realizei a iniciação científica durante um ano, sob a orientação da professora doutora Ireuda da Costa Mourão. Eu pesquisei sobre o tema “O teste da psicogênese no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) e o discurso dos professores”. Esta pesquisa foi fundamental para eu compreender o papel do teste da psicogênese no processo de alfabetização de crianças que estão no Bloco Inicial de Alfabetização.

As oportunidades de estudo e de vivência na escola, como proporcionadas pelo Pibid (Capes) 2016/2017 e Pibic (CNPq) 2018/2019, foram fundamentais para mim. Portanto, pude constatar que meu interesse em aprender, aliado às boas disciplinas sobre educação, as quais apontam tanto a teoria quanto a prática no trabalho do professor, foram relevantes no meu processo de aprendizagem na Faculdade de Educação da UnB.

Durante a minha trajetória na Universidade de Brasília, percebi que o professor nunca interrompe os seus estudos, pois o conhecimento está sempre se transformando. Ao olhar para

trás e lembrar da criança que fui e recordar das pequenas viagens para chegar à escola, bem como, das coisas simples do cotidiano, como ler um livro, estudar ou brincar de professora com as irmãs, percebo o quão importante está o aprender e o ensinar a valorizar a humildade, o brincar, e o estudar na vida da criança.

PARTE 2

PESQUISA

INTRODUÇÃO

A Infância é uma fase essencial na vida do ser humano. Diante disso, é imprescindível que nos variados espaços e contextos, em especial na escola, a criança tenha direito a brincar, e o benefício de também aprender a partir dos diversos tipos de jogos e brincadeiras, como os cooperativos. Assim, a escola se torna um espaço importante para desenvolver não só os conteúdos conceituais, mas para ensinar bons valores de convivência e de cooperação.

Na pré-escola, é fundamental que a criança tenha oportunidade de brincar, de aprender e de interagir com o outro. As brincadeiras e os jogos cooperativos podem propiciar a ela a participação em coletivo, o respeito às especificidades de cada um, a valorização do seu próximo e o reconhecimento das suas próprias contribuições e dificuldades. A respeito disso,

Nas interações, por meio do uso de instrumentos e signos, as pessoas se humanizam, são modificadas pela cultura e a modificam, numa relação dialética. Tais perspectivas enfatizam também a constituição da individualidade a partir da coletividade. Dessa forma, por meio das interações e brincadeiras, ocorre a vivência das práticas sociais, contempladas pelos campos de experiência e a apropriação dos saberes necessários, o que provocará uma nova formação (DISTRITO FEDERAL, 2018b, p. 20).

Em um mundo cada vez mais competitivo, onde o importante está no conquistar e no ser melhor que o outro, e que, por consequência, propaga ensinamentos de superioridade, individualidade e intolerância, desconsidera a importância da cooperação para a formação de uma sociedade de paz. Neste contexto, tais princípios equivocados sobre a competitividade são repassados de geração em geração, e se perpetuam nos variados espaços até os dias atuais, inclusive nas escolas. Diante disso, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral compreender quais são as contribuições que os jogos e as brincadeiras, cooperativos, podem trazer para a formação de crianças que cursam a pré-escola, bem como, a percepção que as crianças têm desses jogos e brincadeiras.

A partir disso, almeja-se alcançar os objetivos específicos da pesquisa, que são:

- Entender como as brincadeiras e os jogos cooperativos auxiliam no desenvolvimento da socialização, da coordenação motora grossa, além dos âmbitos social e emocional dos pequenos.
- Propor jogos e brincadeiras em colaboração a partir da aceitação às regras e do respeito às especificidades de cada criança.
- Cultivar atitudes de confiança e cooperatividade entre as crianças.

Destaca-se que este trabalho possui caráter qualitativo. Assim, são “[...] pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante. Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa [...]” (GIL, 2012, p. 175). Neste contexto, a realização prática desta pesquisa aconteceu por meio de quatro encontros da pesquisadora com uma turma de 21 crianças do 2º período da Educação Infantil de uma escola pública do Distrito Federal. Para tal fim, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Análise documental dos desenhos e apontamentos das crianças sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos.
- Grupo focal com varal de reflexões sobre as contribuições das brincadeiras e dos jogos cooperativos vivenciados pelas crianças.

Neste sentido, esta pesquisa foi elaborada a partir de conversas com professores da Faculdade de Educação sobre a importância da ludicidade e da cooperação na vida da criança; de rodas de conversa com as crianças e a professora do Jardim de Infância sobre as brincadeiras e os jogos de cunho cooperativo; bem como, de disciplinas que abordaram a ludicidade e a infância: Atividades Lúdicas em Início de Escolarização, Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, Oficina de Formação do Professor – Leitor e Tópicos Especiais em Prática Pedagógica.

Esta pesquisa está organizada em quatro capítulos: O primeiro, referente à fundamentação teórica, em que são feitas reflexões e apontamentos sobre o brincar e o jogar a partir da cooperação; o segundo, em relação à metodologia, de caráter qualitativo, cujos participantes foram uma turma de 21 crianças do 2º período da Educação Infantil; o terceiro capítulo, referente aos resultados da pesquisa; e, por fim, o quarto capítulo, o qual trata das potencialidades da escola como um espaço motivador de uma educação para a paz.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Os referenciais teóricos que fundamentaram esta pesquisa foram: Almeida (1987), Almeida (2010), Brotto (1997), Brougère (2008), Dinello (1990), Huizinga (2010), Kamii (2009), Kishimoto (2003), Sá (2013), Soler (2011), entre outros. A partir da leitura das produções desses autores, realizei fichamentos e fiz reflexões sobre o brincar e o jogar em uma perspectiva cooperativa.

1.1 O conceito de jogo, brincadeira e ludicidade

Segundo os autores supracitados, os jogos e as brincadeiras cooperativos proporcionam ao aluno a vivência de compartilhar, de interagir e de trabalhar em coletivo. Desta forma, a criança compreende que, em grupo, todas as pessoas envolvidas devem buscar alternativas e estratégias que atendam às especificidades de cada um.

Diante disso, é importante conceituar o que é jogo, brincadeira e ludicidade. No Brasil, jogo e brincadeira possuem significados distintos, mas muito relacionados, enquanto que em países de língua europeia *jouer* e *to play* significam tanto jogar como brincar (HUIZINGA, 2010). Sobre os jogos, Kishimoto (1997) destacou que eles incluem sempre uma intenção lúdica de quem o pratica, isso significa que a ação de jogar ou não depende da intenção do próprio jogador. Neste sentido, de acordo com as palavras de Baliulevicius e Macário (2006, p. 54):

A origem da palavra lúdico, em latim, ludus, etimologicamente quer dizer jogo. Com a evolução semântica, devido aos estudos realizados, passou-se a entendê-la como uma extrapolação do jogo, como uma necessidade básica da personalidade, caracterizada como uma atividade espontânea, funcional e satisfatória.

Portanto, os jogos são fundamentais para o desenvolvimento da criança. Assim, é a intenção do jogador que dá sentido ao jogo. Quando o professor traz novas possibilidades de jogos, oportuniza ricas experiências, e isso é essencial, pois cada criança significa o jogo.

De acordo com Silva e Sá (2013), o jogo exige a necessidade das regras para existir, enquanto a brincadeira é mais espontânea e integra as noções anteriores. Sendo que ambos não pertencem somente ao universo infantil e que questões culturais são grandes influenciadoras nessas ações lúdicas.

Já Soler (2009) apontou que os jogos podem ser classificados em individuais ou coletivos. São nos jogos coletivos que a competição e a cooperação se apresentam. Desta forma, quando a criança tem a oportunidade de vivenciar um jogo cooperativo, ela se permite agir e viver no mundo, bem como pode se expressar e participar livremente.

Portanto, é fundamental que os pais, bem como os professores, comprometam-se a apresentar às crianças os mais variados tipos de jogos e brincadeiras cooperativos, pois é um direito que elas têm. Além disso, é importante perceber que a infância é uma fase de desenvolvimento essencial para o ser humano, e que quando a cooperação pode ser incluída no cotidiano das crianças, elas podem aprender importantes valores sociais, como a colaboração e a inclusão.

A respeito disso, Almeida (2010) destacou que o jogo cooperativo é um instrumento de notável valor educativo para o desenvolvimento e para a formação de crianças com idades entre três e oito anos. Assim, o jogo, a brincadeira, a cooperação e a infância são palavras-chaves para este trabalho de conclusão de curso.

Brougère (2008, p. 101) acentuou que a brincadeira é um processo de relações interindividuais, ou seja, de cultura e que necessita de uma aprendizagem social: “Uma regra da brincadeira só tem valor se for aceita por aqueles que brincam e só vale durante a brincadeira. Ela pode ser transformada por um acordo entre os que brincam”. Portanto, aprende-se a brincar. Fazem-se acordos sobre as regras, que não preexistem à brincadeira, mas são produzidas em seu desenrolar.

Neste sentido, a brincadeira é imprescindível para o desenvolvimento humano. Nela, as crianças estabelecem relações sociais, expressam-se, desenvolvem-se emocionalmente e cognitivamente, e se impõem diante de determinado assunto. O brincar cooperativo pode trazer importantes valores, uma vez que a criança, além de se desenvolver em todos esses aspectos, é oportunizada a aprender e a ensinar com o outro. É um grupo de vivências lúdicas que oportuniza ao participante avaliar, dividir e refletir sobre sua relação consigo e com o próximo (ALMEIDA, 2010). Assim, a cooperação teria como objetivo estabelecer relações de solidariedade, colaboração e comunicação entre os integrantes.

Já a atividade lúdica é formada por elementos do universo lúdico os quais corroboram em uma ação, uma intenção por parte de quem a realiza. É uma atividade livre, indutiva, divertida e que possa simular o real (REZENDE JÚNIOR, 2013). Portanto, é interessante que o contexto lúdico seja inserido no cotidiano da criança, tanto para que ela possa se desenvolver integralmente, quanto para que ela possa vivenciar a ludicidade em sua totalidade.

Jogos: Situação em que as crianças jogam unidas a partir de regras preestabelecidas que tenham um final esperado. Cada jogador deve desempenhar papéis que são interdependentes (KAMII; DEVRIES, 2009).

Brincadeira: Comportamento espontâneo de uma atitude não-estruturada (FRIEDMANN, 2006).

Portanto, há diferenças conceituais em relação ao jogo e à brincadeira. Enquanto os jogos são mais estruturados e regrados, as brincadeiras são naturais e suas regras são construídas pelos participantes ao seu desenrolar.

1.2 A cooperação como elemento fundamental nos jogos e nas brincadeiras infantis

É fundamental que, na infância, a pessoa tenha acesso às variadas alternativas de jogos e brincadeiras, as quais possam ampliar o seu olhar de mundo e de interação com as outras crianças. O cooperativismo propicia que todos participem, desenvolvam novas capacidades e aperfeiçoem habilidades coletivamente. Assim, o jogo:

Oferece a possibilidade de entrar em relação real ou imaginária com o outro sob diversas formas. Simultaneamente ou alternadamente, o jogo significa confronto e colaboração, antagonismo e cooperação (DINELLO, 1990, p. 23).

Portanto, os jogos e as brincadeiras cooperativos são importantes na infância, pois é nesta fase que a aprendizagem está muito ligada à convivência, ao brincar e ao aprender com o outro. Assim, é fundamental que a escola e a família propiciem à criança o desenvolvimento de sua autonomia e lhe garantam o direito a brincar e a participar ativamente nos ambientes em que está inserida.

Segundo o Currículo em Movimento da Educação Infantil (DISTRITO FEDERAL, 2018b), as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças devem estar relacionados com os eixos estruturantes do brincar e do interagir, apoiados nos direitos a brincar, a conviver, a participar, a explorar, a expressar e a conhecer a si mesmo. Isso é fundamental, e a escola é um espaço muito importante para a garantia desses direitos, uma vez que é nesse lugar que as crianças, em sua maioria, passam a maior parte de seu tempo.

Tendo em vista que o jogo e a brincadeira proporcionam esses benefícios, é de suma importância que o professor, em suas atribuições, proporcione às crianças as diversas alternativas de jogos e brincadeiras, em especial as que permitam a criatividade, o pensar em coletivo, a solidariedade, a socialização e a cooperação.

Neste sentido, consoante a Soler (2009), a cooperação e a competição são comportamentos ensinados e aprendidos pelas muitos modos de interação humana, pois se aprende uns com os outros a se comportar de uma maneira ou outra. Para Brotto (1997), o comportamento cooperativo é uma perspectiva essencial do interesse social. Com isso, ao pensar em educação, em especial a relacionada a brincadeiras e jogos cooperativos, é importante que desde a Educação Infantil estes sejam contemplados.

1.3 A Educação Infantil, a infância, o brincar e o jogar com um direito das crianças

A Educação Infantil é um direito garantido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988). Esta modalidade de ensino é dividida em creche e pré-escola para crianças de 0 (zero) até 5 (cinco) anos de idade. Assim, a educação para crianças é uma conquista recente, pois durante muito tempo a infância e a necessidade de uma educação especializada nas especificidades do desenvolvimento e aprendizagem infantis não foram consideradas.

A respeito disto, segundo o Currículo em Movimento da Educação Infantil (DISTRITO FEDERAL, 2018b), até o século XVIII não havia uma atenção às especificidades e ao desenvolvimento próprio das crianças. Desta forma, infância, adolescência e vida adulta não se diferenciavam, cabendo à criança realizar tarefas domésticas e trabalhar como uma pessoa experiente. Entre os séculos XIX e XX, o olhar sobre a infância era ainda de forma introdutória no que tange aos direitos das crianças, à cidadania, e ao desenvolvimento infantil.

Destarte, a valorização da infância tem uma maior visibilidade no Brasil nos anos 1980. Desta vez, não só a família, mas também o Estado é responsável por assegurar os direitos das crianças, assim como afirma o artigo 227 da Constituição Federal (BRASIL, 1988, p. 132):

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Portanto, o olhar e a escuta sensíveis à importância da infância e da necessidade da educação, voltada para as crianças, foram alcançados no decorrer dos anos, quando a infância foi percebida como uma fase extremamente importante na vida do ser humano. À vista disso, garantir o acesso e a permanência na escola, propiciar uma vida digna, assim como possibilitar momentos de brincadeiras e jogos, são fundamentais para as crianças.

Sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos na Educação Infantil, mais especificamente na pré-escola, é crucial que o professor e a família envolvam-se como participantes ativos nestas atividades, tanto para contribuir no desenvolvimento das capacidades das crianças, quanto para refletir sobre os diversos comportamentos sociais que podem surgir em um determinado jogo ou brincadeira.

De acordo com o Princípio VII da Declaração Universal dos Direitos da Criança, (UNICEF, 1959):

A criança tem o direito de desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais devem estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito.

Portanto, proporcionar às crianças o acesso às brincadeiras, aos jogos, e em especial, aos jogos cooperativos, é garantir um direito delas. O jogar cooperativo no contexto da escola pode ser motivador para introduzir os eixos integradores (DISTRITO FEDERAL, 2018a). Nesta perspectiva, a criança poderia ajudar um colega que pudesse estar apresentando alguma dificuldade e juntos poderiam construir mais conhecimentos acerca do que estudam. E isso pode acontecer tanto nos jogos cooperativos, como nas brincadeiras.

Para tanto, Almeida (2010) afirmou que o jogo cooperativo é demasiado importante para o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças, pois traz questões relevantes sobre a importância da coletividade e da autonomia de forma divertida, criativa e transformadora. Assim, a cooperação a partir de jogos e brincadeiras proporciona, nos variados contextos, a oportunidade de uma criança brincar com outras de forma livre e autônoma.

Portanto, a Educação Infantil deve ser também pensada para o desenvolvimento de valores na criança, tais como, inclusão, respeito, fraternidade e tolerância. É interessante destacar a importância que o professor dessa modalidade de ensino possui ao mediar as interações de seus pequenos, bem como no que se refere aos jogos e brincadeiras cooperativos. Assim, é fundamental que professor e crianças mantenham uma relação não de hierarquia, mas de horizontalidade e de respeito; isso significa que os pequenos possam, em suas relações sociais, ter autonomia e liberdade.

Neste contexto, Almeida (2010), ao tratar dos objetivos da Educação Infantil, esclareceu que eles devem ser pensados em extenso período de tempo e dentro da perspectiva do desenvolvimento das crianças. Portanto, destacou três pontos fundamentais voltados aos professores, às crianças e ao aprendizado:

No que se refere aos professores, eles devem estabelecer relações menos autoritárias com as crianças, para que elas possam desenvolver a sua autonomia e participar ativamente das atividades da escola. Em relação aos companheiros, às crianças, que devem desenvolver habilidades de descentrar e coordenar distintos pontos de vista. E por último, em relação ao aprendizado.

Sobre o aprendizado, Kamii (2009) destacou que é fundamental que as crianças sejam curiosas, alertas, críticas e confiantes em suas competências para imaginar e dizer sobre o que pensam, além de tomar iniciativas, elaborar ideias, questionamentos e problemas.

Com isso, é perceptível que é imprescindível que os professores da Educação Infantil, ao planejarem suas aulas, em particular nos momentos das brincadeiras, dos jogos e das atividades cooperativas, pensem a partir da perspectiva das crianças; ou seja, estabeleçam objetivos que tenham fundamentação e importância para as crianças, visto que elas são o centro da aprendizagem e merecem vivenciar a ludicidade em sua integralidade.

De acordo com a *International Play Association* (IPA), em seus Congressos Mundiais de 1979 (Malta), 1982 (Viena) e 1989 (Barcelona), o brincar é essencial em vários aspectos e é regido pelas seguintes propostas de ação: saúde, educação, bem-estar, lazer, e planejamento.

Segundo essa organização internacional não governamental³, a ação de brincar é muito valorosa para a saúde mental e física das crianças; portanto, seria importante a conscientização por parte da família e dos profissionais (professores), sobre os benefícios do brincar desde o nascimento e a inclusão das brincadeiras como parte integrante dos variados ambientes infantis, inclusive em hospitais e no próprio lar das crianças.

Portanto, na educação, o brincar faz parte do processo de formação e desenvolvimento do ser humano. Através das brincadeiras, podem ser propiciadas oportunidades para iniciativas, interações, criatividade e socialização no processo formal da educação, bem como aliar a brincadeira ao aprendizado, motivar as crianças e manter o comparecimento delas na escola. Para tanto, é necessário que tenham acesso a oportunidades de jogos e aprendizagens para além da escola.

O bem-estar, em que a brincadeira é fundamental para a vida em família e em comunidade; considerando que a brincadeira é parte integral do desenvolvimento do ser humano e da assistência social, além de fortalecer as relações entre pais e filhos, assim como a prestação de serviços os quais valorizem a brincadeira na comunidade a fim de integrar

³ “ONGs são entidades que não têm fins lucrativos e realizam diversos tipos de ações solidárias para públicos específicos. Elas podem atuar nas áreas de **saúde, educação, assistência social, economia, ambiente**, entre outras, em âmbito **local, estadual, nacional** e até **internacional**” (SEBRAE, *Site*, 2019. Disponível em: <m.sebrae.com.br/sites>. Acesso em: 3 jul. 2019).

todas as crianças, inclusive àquelas com necessidades especiais de natureza intelectual, física ou emocional. Nesse contexto, é urgente dispor de áreas de jogos e brincadeiras seguras, que protejam as crianças de qualquer forma de violência.

O lazer, para que espaços sejam pensados para a garantia do direito das crianças aos jogos e à participação nas diversas brincadeiras. Sendo propiciados a elas os materiais, o tempo, a natureza, por exemplo, propiciando assim, o senso de pertencimento e de autoestima nos momentos de recreação, além da interação entre pessoas de diferentes origens e idades. Também é bastante importante o incentivo aos jogos cooperativos e do *fair play* para os pequenos praticarem quando realizam um esporte, bem como, o acesso de todas as crianças, em especial, àquelas que possuem alguma necessidade especial, aos diferentes espaços para brincar.

Por fim, a IPA citou o planejamento, enfatizando as necessidades da criança, que devem ser consideradas na organização das construções humanas, na disseminação dos saberes existentes em relação às instalações, aos projetos e aos espaços adequados às crianças, apropriados para jogos, brincadeiras e recreações.

Tendo visto que é importante que a criança tenha os seus direitos a brincar e a jogar garantidos, é imprescindível a valorização de espaços pensados para ela brincar e jogar de forma livre e segura. Estes lugares são a escola, os parquinhos, as praças, o seu lar, ou seja, são os espaços que fazem parte do seu cotidiano, locais em que as crianças passam, em sua grande maioria, a maior parte de seu tempo.

As crianças precisam ser apoiadas em suas iniciativas espontâneas e incentivadas a: brincar; movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre; expressar sentimentos e pensamentos; desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão; ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiados por estratégias pedagógicas apropriadas; diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil (BRASIL, 2006, p. 19).

Ao considerar a criança como uma pessoa que tem muitos conhecimentos e experiências para compartilhar, é importante que sejam oportunizados a ela as diversas formas de brincar e os diferentes jogos, como os cooperativos. Pois dessa forma, a criança vivencia uma grande diversidade de brincadeiras e jogos os quais podem ser modificados ou adaptados para atender à sua necessidade. Sobre o brincar, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 22) destaca que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

É fundamental que a criança se sinta pertencente às brincadeiras e isso se dá pelas interações que ela estabelece com os outros participantes. Isso é possível quando há a diversidade de brincadeiras e jogos, os quais podem ser adaptados ou modificados para atender a sua necessidade.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a brincadeira é uma linguagem essencial para a criança. Na ação de brincar, ela tem noção de suas ações; além disso, o principal indício sobre uma brincadeira está no papel e nas regras que a criança assume e estabelece.

Tendo em vista que a ludicidade é primordial para a constituição da criança, pois ultrapassa a diversão pessoal para o convívio social (SÁ; SILVA, 2013). É necessário que o professor tenha consciência de suas ações nas brincadeiras e jogos. Pois, sabe-se que é importante a autonomia que é dada ao brincante para imaginar, criar e estabelecer regras, ou seja, a independência de organizar e de gerir o andamento de suas brincadeiras. Quando a criança tem liberdade para estabelecer seu próprio modo de brincar, ela participa naturalmente.

1.4 Os comportamentos das crianças nas brincadeiras e nos jogos

É interessante significar os comportamentos que podem ser expressos em um determinado jogo ou brincadeira. Soler (2009), ao dissertar sobre o jogo, destacou o comportamento competitivo como um processo dissociativo que faz com que o jogador procure superar o outro para alcançar determinado objetivo, o qual é exclusivo, e os benefícios se concentram somente para uma ou algumas pessoas.

Por consequência, os jogadores que optam somente por se comportarem de maneira competitiva, sem considerar outras formas de participação em um jogo ou brincadeira, por exemplo, desconsideram importantes contribuições que um colega também participante pode trazer. Neste contexto, um jogo competitivo requer um comportamento de disputa para atingir o objetivo a ser cumprido. Dessa forma, nessa perspectiva, superar ou desafiar o outro jogador é necessário para atingir a meta.

Para a antropóloga Mead (1937) outros comportamentos, além da competição e da cooperação podem existir como, por exemplo, o individualismo e a rivalidade. Segundo ela, a pessoa que utiliza de uma atitude competitiva, procura ganhar de uma pessoa que também quer ganhar em um mesmo período de tempo.

Já a atitude individualista consiste na ação que uma pessoa faz para alcançar os seus objetivos sem se preocupar com os demais. Em contrapartida, a cooperação seria o ato de trabalhar em conjunto para alcançar determinada meta. Sendo assim, cada pessoa participante seria essencial para que a meta final fosse atingida. E, por fim, a rivalidade, comportamento no qual a pessoa não permite que outros indivíduos alcancem o objetivo definido.

Posto isso, é plausível que, durante a Educação Infantil, em especial na Pré-Escola, haja a valorização da ação de jogar e de brincar, principalmente, de forma cooperativa, visto que, nos dias atuais, a competitividade está muito presente no cotidiano. Portanto, ao inserir jogos e brincadeiras que valorizam o trabalho coletivo, a colaboração, além da escuta e do olhar sensíveis ao próximo, proporcionará a essas crianças experiências maravilhosas. Assim:

A inclusão de uma conduta lúdica cooperativa nas aulas de Educação Infantil para promover a paz deve sempre buscar a participação de todos sem excluir ninguém, independentemente de sua etnia, classe social, religião, competências motrizes, habilidades pessoais etc. As aulas devem sempre ser realizadas dentro de um clima prazeroso, cordial, amigável e feliz em que as metas do professor e dos alunos estarão centradas na união da soma das suas competências individuais na busca de resultados que tragam benefícios para todos (ALMEIDA, 2010, p. 28).

Desta forma, os jogos e as brincadeiras, cooperativos, promovem a participação de todos; a conscientização sobre a paz e o respeito ao próximo. Quando o professor inclui esses aspectos em suas aulas e traz os jogos e as brincadeiras cooperativos para o dia a dia da sua turma, ele permite às crianças momentos de alegria, além de incentivar a elas a prática desse exercício de convivência.

Ao inserir jogos e brincadeiras variados no contexto escolar, é importante que o professor utilize recursos diversificados para que a ação de jogar ou brincar seja ainda mais rica. Desta forma, Soler (2011), na perspectiva dos jogos cooperativos, destacou a relevância da música por irradiar alegria e ensinar novos valores, atitudes e regras, pois pode descontrair e propiciar aos participantes uma maior aproximação entre eles, propiciando que a afetividade possa ser desabrochada, além da música ser um elemento facilitador no processo de aprendizagem.

Destarte, é interessante o auxílio da música para os jogos cooperativos, também é relevante pensar na afetividade que pode ser cultivada nesse processo. Os jogos cooperativos, ao estabelecerem os objetivos, os quais são alcançados em grupo, contribuem para que os participantes não somente foquem em cumpri-los, mas que se percebam como sujeitos, parte do coletivo e, conseqüentemente, possam dar atenção à participação do outro.

Na Educação Infantil, questões voltadas à inclusão, à solidariedade e à tolerância podem ser introduzidas de maneira mais significativa e a escola pode se tornar um espaço promovedor da cultura de paz (ALMEIDA, 2010). Portanto, a potencialização de ações voltadas à valorização do trabalho em grupo, em que as crianças se ajudam e compartilham de ações para atingir determinado objetivo, são motivadoras para bons valores.

Desse modo, as crianças, ao participarem de atividades e jogos cooperativos, podem aprender a não fazer distinção entre os envolvidos, ou seja, não apartam as pessoas devido ao gênero, idade ou por apresentarem alguma necessidade específica, pelo contrário, as incluem de forma igualitária, respeitando as condições e limitações de cada uma:

E isso a socialização através dos jogos e brincadeiras: graças à presença do outro, o adversário – que se torna meu companheiro–, cada um pode expressar-se. Desde então o companheiro torna-se parte integrante de mim mesmo, e é assim que eu aprendo a colocar-me no lugar do outro, com quem eu posso ser ao mesmo tempo eu mesmo e um outro (DINELLO, 1990, p. 24).

Portanto, quando uma criança participa ativamente como parte de uma equipe, ela conseqüentemente, interage com outras crianças, ou seja, em cooperação para trocar ideias, ou estratégias de jogo e brincadeiras, sendo que as regras são construídas em coletivo, justas a todos.

Assim, a socialização se torna uma consequência dessas interações que acontecem pelos jogos ou brincadeiras cooperativas. Desta forma, a criança aprende que a convivência e o cooperar são importantes, e isso oportuniza para que ela se perceba como parte de um todo.

Neste sentido, as brincadeiras e os jogos cooperativos podem promover o compartilhamento de experiências e de vivências entre os participantes, pois há a valorização de cada criança pelo que ela é, e o ensinamento da importância de ajudar uns aos outros para atingir metas coletivas (SOLER, 2011). Além disso, o jogar e o brincar cooperativos proporcionam à criança que apresenta alguma limitação ou especificidade, a inclusão e a sua valorização por estar contribuindo em alcançar o objetivo do jogo ou da brincadeira, e isso, pode colaborar para que ela aprenda e exercite novas habilidades, inclusive nas quais possua dificuldade.

Com isso, percebe-se que os jogos e as brincadeiras cooperativos podem proporcionar ao ser humano bons aprendizados. Entre eles está a valorização de si mesmo e também do seu próximo. Isso possui relevância, visto que é fundamental que a criança se sinta acolhida nas interações sociais que estabelece nos variados contextos, em especial na escola e na hora das atividades e dos jogos.

1.5 O jogo, a brincadeira, a cooperação e as regras

Almeida (2010) dissertou que o brincar pode ser dividido em duas categorias que são o brincar cognitivo (grau de desenvolvimento intelectual da criança) e o brincar social (nível de interação social de uma criança com outra). Nessa perspectiva, aparecem quatro modalidades, que são o brincar tradicional, o brincar de faz de conta, o brincar de construção e o brincar educativo.

O brincar tradicional é caracterizado como folclórico, anônimo, de tradicionalidade, de transmissão oral, de conservação, de mudança e de universalidade, são as brincadeiras que fazem parte da mentalidade popular. São as brincadeiras da amarelinha, as parlendas e o pião, por exemplo: “Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, da situação imaginária” (KISHIMOTO, 1997, p. 39).

Segundo Kishimoto (1997, p. 39), o brincar de faz de conta, conhecido como brincadeira simbólica, sociodramática, ou de representação de papéis, tem a situação imaginária muito marcante, pois as crianças que estão entre dois e três anos iniciam a fase de representação e linguagem. Desta forma:

O faz-de-conta permite não só a entrada no imaginário, mas a expressão de regras implícitas que se materializam nos temas das brincadeiras. É importante registrar que o conteúdo do imaginário provém de experiências anteriores adquiridas pelas crianças, em diferentes contextos.

Sobre as brincadeiras de construção, Kishimoto (1997) destacou que elas são relevantes ao trazer experiências sensoriais, incentivar a criatividade e fomentar novas capacidades nas crianças. “Dessa forma, quando está construindo, a criança está expressando suas representações mentais, além de manipular objetos” (KISHIMOTO, 1997, p. 40).

Para finalizar, Kishimoto (1997, p. 36) citou a brincadeira educativa, que está voltada para o desenvolvimento da criança e para concretizar a ação psicopedagógica. Assim:

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializado às situações de aprendizagem.

A brincadeira e o jogo, cooperativos são fundamentais para o desenvolvimento das diversas interações sociais do ser humano, para o seu aprendizado e para a sua formação integral. Portanto, é fundamental compreender as diferentes categorias que constituem um jogo ou uma brincadeira para refletir sobre as contribuições que podem desempenhar com cunho cooperativo.

Ainda sobre as categorias do brincar, Almeida (2010) afirmou que há cinco importantes pilares dentro dessas modalidades para as ações lúdicas das crianças, em seus jogos e brincadeiras, que são: imitação, espaço, fantasia, regras e valores. Outros fatores também influenciam o modo que a criança brinca, como a idade, a cultura, o social e as vivências em relação à ludicidade. As funções específicas que esses pilares podem desempenhar nas ações lúdicas da criança podem ter dois estilos: o brincar cooperativo ou o brincar competitivo.

Tendo em vista que, para o jogo, assim como, para a brincadeira, são fundamentais a existência de regras, é importante destacar o papel que as crianças exercem em suas interações sociais. No cooperativismo, todos são oportunizados a se impor e a contribuir na elaboração das regras, tanto nos jogos como nas brincadeiras, pois dessa forma, todos participam ativamente da ação de jogar ou de brincar.

Nos jogos e nas brincadeiras é essencial a existência de regras. Desta forma, as crianças podem estabelecer estratégias e obedecer aos princípios. Sobre isso, Soler (2009) destacou que há uma grande diferença entre as regras dos jogos competitivos e as dos jogos cooperativos.

Segundo ele, para os jogos competitivos as regras não mudam, pois a meta é cumprir o que já foi estabelecido para elas, sendo assim, esses jogos são denominados finitos. Já para os jogos cooperativos, as regras devem mudar de acordo com a necessidade do grupo, sendo conceituados como jogos infinitos, pois enquanto as pessoas estiverem se divertindo, eles não têm fim, porque quem determina o seu desfecho são os próprios participantes (SOLER, 2009).

Destaca-se a importância dos jogos e da brincadeira para a formação cognitiva e social das crianças, o olhar cooperativo é importante, pois se considera que há outras formas de jogar ou de brincar sem ser, necessariamente, de maneira competitiva, oportunizando para que elas tenham conhecimento de outras maneiras de jogar ou brincar.

Portanto, quando a criança brinca como participante ativa, ela desenvolve o pensamento, a compreensão, a criação, a socialização, a crítica, o discernimento, a visão global, a libertação e a linguagem (ALMEIDA, 1987). Neste contexto, é fundamental que tenha liberdade para fazer do jogo o real sentido do brincar ou do aprender, e em cooperação, possa refletir sobre coletividade, trabalho em equipe, paciência, superação de dificuldades e obedecer às regras próprias do jogo ou criadas pelo grupo de jogadores.

Destarte, a família tem muita influência no desenvolvimento da criança. O brincar envolvendo um integrante da família pode ser bastante importante e motivador para ela. Com isso, faz-se necessário que o adulto não padronize a brincadeira, pois se agir dessa forma, ele contribui para que o pequeno se conforme com uma regra já estabelecida ou com um modo imposto de jogar ou brincar.

Portanto, se agir dessa forma, o adulto não permite que a criança também participe das decisões, deixando-a alienada em relação ao jogo ou à brincadeira, o que nos jogos infinitos não pode acontecer, mas sim que participe do momento do brincar ou do jogar a partir da escuta e do olhar sensíveis, de forma livre e com as contribuições dela.

Por conseguinte, a criança possui o direito a jogar, brincar e ter liberdade para inventar e imaginar suas brincadeiras. Para tanto, Almeida (1987) descreveu as fases de desenvolvimento psicogenético da criança segundo os estudos de Piaget. Assim, as pessoas cujas idades estão entre 4 anos e 7 anos, aproximadamente, estão na fase intuitiva. Os jogos desempenham um papel essencial para o desenvolvimento delas, principalmente os que exigem movimento. Isso é muito bom, uma vez que a movimentação do corpo auxilia no desenvolvimento físico de forma espontânea e saudável (ALMEIDA, 1987).

Neste sentido, as crianças dessa fase do desenvolvimento psicogenético apresentam um maior interesse por brincadeiras e jogos que exijam habilidades de coordenação motora grossa. Isso é essencial, pois tais atividades podem estimular o desenvolvimento físico da criança. Deste modo, é importante que o professor perceba as singularidades de seus alunos e, se necessário, adapte as brincadeiras e os jogos para que todos possam participar.

Ademais, Kishimoto (2003) citou a função lúdica que o jogo pode desempenhar. Segundo ela, o jogo lúdico oportunizaria ao participante o entretenimento e o jogar pela simples vontade de realizar tal ação. E isso é percebido quando a criança brinca ou joga de forma natural, pois ela se diverte e estabelece relações sociais e regras espontaneamente. Assim, quando o professor e a família incentivam a autonomia e a liberdade da criança, estão promovendo tal vivência.

O jogo no contexto escolar, em especial na pré-escola, não pode perder sua função lúdica, mas deve propiciar as duas funções, lúdica e educativa, equilibradas. Sobre isso, destaca-se o papel que o jogo ou brincadeira, cooperativos, podem desempenhar na instituição escolar.

Deste modo, o jogo e a brincadeira cooperativos são importantes instrumentos, tanto lúdicos quanto educativos, em um contexto escolar. A ação de brincar e de jogar desenvolve a imaginação, a criatividade e constrói relações de companheirismo entre os envolvidos, além de trazer à criança conhecimentos essenciais ao seu aprendizado. Portanto, o professor que centra o aprendizado em seu educando, e inter-relaciona os conceitos do currículo com jogos como os cooperativos, proporciona que a criança aprenda e se divirta ao mesmo tempo.

No entanto, nesta pesquisa, o principal foco das brincadeiras e dos jogos cooperativos está no brincar e no jogar lúdico, voltado à simples ação natural de brincar e de jogar, visto que isso é imprescindível nas relações sociais e no estabelecimento das regras. O brincar e o jogar cooperativos no contexto escolar a partir do olhar lúdico e da criança.

Tendo em vista que a criança pode ter, nas diversas formas de brincar, oportunidades de se expressar enquanto ser humano e criança participante dos variados contextos, como escola, igreja, lar, parquinhos, entre outros espaços, é notável que o brincar seja valorizado. O olhar sensível por parte da família e do professor é fundamental, principalmente ao mediar um jogo cooperativo ou ao acompanharem o processo de apropriação de uma brincadeira ou jogo por parte da criança.

Nessa perspectiva, Almeida (2010) esclareceu que o brincar cooperativo tem sua essência lúdica no brincar com o outro, em que a estrutura lúdica tem o outro como companheiro com objetivos em comum e tudo é compartilhado, assim como as derrotas e as vitórias. Já no brincar competitivo, a essência lúdica está no brincar contra o outro, em que a estrutura lúdica tem o outro como um concorrente que deve ser vencido. Assim, as derrotas e as vitórias são compartilhadas por poucos ou vividas somente pelo próprio jogador.

Devido a isso, é importante que nos variados espaços, a cooperação através de jogos e brincadeiras seja contemplada. Esses lugares são os que, em sua grande maioria, fazem parte do dia a dia da criança. Sendo assim, a escola é um espaço fundamental não só para ensinar os conhecimentos formais estabelecidos, mas também para propiciar um exercício de convivência e troca de experiências com outras crianças.

Isso é essencial para o desenvolvimento infantil, pois, nesse contexto, as interações com outras crianças ajudam na socialização, bem como em sua aprendizagem, mas, principalmente, os jogos e as brincadeiras, cooperativos, são fundamentais para a formação do

ser humano de paz. Assim como destacou Almeida (2010, p. 12), “Acreditamos que a construção do homem em valores cooperativos e de paz deve ser estimulada bem cedo. Ensinar a aprender a viver juntos é o maior desafio da educação no século XXI”.

Tendo em vista que os jogos e as brincadeiras, cooperativos, proporcionam uma educação de paz, o papel da família e da escola é fundamental nesse processo. A família costuma ser a primeira referência para uma criança. Quando os familiares dedicam-se a participar das atividades da escola e se preocupam com o desenvolvimento integral da criança como cidadão, estão colaborando para que ela se desenvolva e aprenda de forma saudável.

Assim, como a escola, espaço que a criança convive, aprende, compartilha, ensina e brinca. Neste espaço, é fundamental que a educação de paz seja cultivada. Em um ambiente democrático, onde todos possam ter os seus direitos e deveres respeitados.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi de cunho qualitativo, que considera as particularidades e as contribuições de uma turma de 2º período da Educação Infantil de uma escola pública do Distrito Federal, prezando pela convivência da pesquisadora e das crianças, e pela compreensão às especificidades de cada participante. Esta pesquisa foi construída por meio da análise documental dos desenhos e apontamentos das crianças sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos e por um grupo focal com varal de reflexões, os quais auxiliaram na elaboração dos dados empíricos.

As pesquisas de estudo de campo, os estudos de caso, a pesquisa-ação ou a pesquisa participante são essencialmente de cunho qualitativo (GIL, 2012). Portanto, a averiguação de dados em pesquisas de caráter qualitativo dependerá de quem realiza tal estudo.

2.1 Contexto de elaboração das produções empíricas

2.1.1 A escola

O Jardim de Infância era localizado na Asa Norte, Brasília, DF. Segundo o seu Projeto Político Pedagógico – PPP (DISTRITO FEDERAL, 2018c), a escola possuía uma área total de 1.237,5 m² e atendia a uma demanda de 244 crianças entre 1º e 2º períodos da Educação Infantil, nos turnos matutino e vespertino. Tratava-se de uma instituição acolhedora, com iluminação natural e espaço para as crianças brincarem. Além disso, era uma escola com um ambiente agradável e bastante ventilada.

Esta escola era um espaço aberto para a comunidade. Assim, era comum, aos finais de semana, haver eventos e apresentações de projetos das crianças para os seus familiares, o que aproximava os pais ou os responsáveis do cotidiano escolar da criança.

Neste contexto, o Jardim de Infância integrava em seu corpo docente, professores efetivos e temporários, auxiliares de educação, servidores terceirizados da limpeza e da merenda, de serviços de manutenção, educadores sociais voluntários, entre outros.

Em sua estrutura física, a escola possuía: cinco salas de aula, cada uma com um banheiro; salas para a direção, para a secretaria, e para os professores; um refeitório; uma cozinha; um laboratório de informática; depósito de alimentos; parquinho e pátio interno.

Figura 4 - Jardim de Infância



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

2.1.2 Os participantes

Participaram da pesquisa:

Uma turma com 21 (vinte e uma) crianças: 12 meninos e 9 meninas com cinco anos de idade. Todos matriculados no 2º período da Educação Infantil. A maioria não residia na cidade onde estudava. Eram crianças oriundas das diversas regiões administrativas do DF e algumas do Entorno⁴: Ceilândia, Itapoã, Itapoã II, Lago Norte, Paranoá, Planaltina, Santa Maria e Sobradinho. Algumas delas utilizavam o transporte escolar, outras o transporte coletivo ou particular.

Participou também da pesquisa a professora regente, com dezesseis anos de atuação, sendo sete neste Jardim de Infância. É uma professora com formação em Magistério no Ensino Médio, graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia (clínica e institucional).

⁴ O entorno do Distrito Federal abrange 33 municípios localizados em Goiás (GO) e em Minas Gerais (MG).

2.2 Sobre a elaboração das informações empíricas

Esta pesquisa foi elaborada a partir de alguns procedimentos, a saber:

- **Análise documental dos desenhos e dos apontamentos das crianças sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos:** Foram realizados pelas crianças ao final de cada encontro, desenhos em folhas A4 sobre o que elas mais gostaram das brincadeiras e dos jogos cooperativos apresentados pela pesquisadora à turma e que posteriormente constituíram o portfólio da pesquisadora.
- **Grupo focal com varal de reflexões:** A finalidade do grupo focal com varal de reflexões foi conhecer melhor as crianças participantes da pesquisa, no sentido de compreender qual o significado que as brincadeiras e os jogos cooperativos têm para elas. Além disso, foi realizado no último encontro, um varal de reflexões sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos que as crianças participaram, a fim de ouvir delas, o que a cooperação significava para cada uma.

2.3 Sobre a análise das informações empíricas

É importante explicar como serão analisadas as informações empíricas dessa pesquisa:

2.3.1 Análise documental dos desenhos e dos apontamentos das crianças sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos

Os desenhos realizados pelas crianças foram analisados a partir da descrição delas sobre as suas produções, ou seja, através da representação que os pequenos fizeram sobre os elementos que os jogos e as brincadeiras, cooperativos, podem trazer, como: convivência, amizade, união, alegria, participação e inclusão. Também foi analisado o quanto de afetividade e expressão foi representado em seus desenhos.

A cor é expressão da afetividade. Os afetos, as emoções e os sentimentos são revelados nos desenhos, pelo uso das cores: a quantidade de colorido, seja no referente ao número de cores diferentes utilizadas, seja quanto à área ou ao espaço colorido; o uso de tons claros ou escuros; o transbordamento da cor sobre o contorno do desenho; a escolha de determinadas cores; o riscar no papel em traços fortes; o misturar cores para produção de nuances (KOLCK, 1981, p. 51).

Portanto, os desenhos podem ser importantes instrumentos para as crianças se expressarem sobre determinado assunto. Isso pode ser percebido no tom e na mistura das cores, na forma de representar e de colorir algo, por exemplo. As crianças fizeram um desenho ao final de cada encontro. Os desenhos realizados representavam os apontamentos delas sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos. Cada uma se expressou da sua maneira, de acordo com suas singularidades.

2.3.2 O grupo focal com varal de reflexões

Durante os quatro encontros de pesquisa prática, ao final de cada brincadeira e jogo cooperativo apresentado, a turma destacava o que mais tinha gostado e o que tinha aprendido. Portanto, o grupo focal foi organizado a fim de contemplar tudo o que a turma tinha vivenciado nesse período, com o intuito de que as crianças dessem um retorno e apontassem as contribuições das brincadeiras e jogos cooperativos para elas.

O grupo focal aconteceu da seguinte forma: primeiramente, as crianças foram convidadas a olhar para um varal preenchido por fotos delas participando dos jogos e das brincadeiras que traziam ideias sobre cooperação (varal de reflexões). Depois, foi solicitado que cada uma escolhesse uma dessas imagens e comentasse na “rodinha”. As crianças se sentaram em círculo para falar sobre o que cada imagem significava para elas.

A professora regente também participou do varal de reflexões com as crianças. Todas, em uma roda de conversa, conversaram sobre o que os jogos e as brincadeiras de valor cooperativo tinham trazido de interessante para o cotidiano delas, o que era cooperação ao jogar e ao brincar para elas.

2.3.3 As brincadeiras e os jogos cooperativos na prática

Como explicitado anteriormente, a pesquisa prática se deu em quatro encontros entre a pesquisadora e uma turma de 2º período da Educação Infantil de uma escola pública da Asa Norte, Brasília, DF. Em cada visita, brincadeiras e jogos cooperativos foram levados para a turma participar.

No primeiro dia de pesquisa prática, 22 de março de 2019, apresentei às crianças dois jogos cooperativos: “Passando o bambolê” e “Abraços musicais”.

“Passando o bambolê”: A turma organizou-se em um círculo e os participantes deram as mãos uns aos outros. Foi colocado então um bambolê sobre as mãos unidas de duas crianças. O objetivo era passar o bambolê por todo o círculo de crianças, sendo que a regra era que elas não soltassem as mãos umas das outras nem deixassem o bambolê tocar o chão.

Figura 5 - “Passando o bambolê”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

As crianças tiveram que ajudar umas às outras para concluir o objetivo. Toda a turma quis participar. Além da interação social, do desenvolvimento de habilidades de coordenação motora grossa, paciência e equilíbrio, utilizei o recurso da música para ficar mais divertido.

Figura 6 - “Passando o bambolê”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Este jogo cooperativo foi baseado no livro *Atividades e jogos cooperativos* de Javier Fernández-Río et al. (2015).

Depois do jogo do bambolê, as crianças participaram de mais um jogo cooperativo:

“Abraços musicais”: Uma música divertida foi tocada para que as crianças dançassem. Mas, quando a música parava, todas deveriam abraçar algum coleguinha até a música recomeçar. Quando a música pausava pela segunda vez, as crianças deveriam abraçar dois coleguinhos. Na terceira vez, três amiguinhos, e assim por diante. O objetivo da brincadeira era que todas as crianças se abraçassem.

Figura 7 - “Abraços musicais”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Todas as crianças quiseram participar, bem como, a professora e o educador social voluntário. Esse jogo é muito interessante, pois traz importantes contribuições para o desenvolvimento do ser humano, como a afetividade e a socialização.

Os jogos cooperativos “Passando o bambolê” e “Abraços musicais” aconteceram no espaço da sala de aula, que foi organizado para que as crianças pudessem participar com transitabilidade pelo local.

Figura 8 - “Abraços musicais”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Este jogo foi baseado na obra *Brincar cooperativo* de Marcos de Almeida (2010).

Após participarem desse momento, as crianças foram convidadas a desenhar sobre o que elas vivenciaram dos jogos cooperativos.

No segundo encontro, em 29 de março de 2019, as crianças participaram de uma brincadeira típica da infância e que era conhecida por elas:

“Reloginho”: Essa brincadeira consiste na participação de um grupo de crianças que ficam em torno de uma pessoa que está com a corda. Cabe a essa pessoa girar a corda em torno dos participantes, que devem pular quando a corda estiver se aproximando deles.

As crianças quiseram participar da brincadeira e, inclusive, uma delas me contou: “Tia, eu brinquei de relóginho com meu irmão ontem, eu girava a corda e ele pulava!”. Isso foi muito enriquecedor, pois essa brincadeira já fazia parte do cotidiano daquela criança, que já brincava de forma cooperativa.

Figura 9 - “Reloginho”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Depois, voltando à sala de aula, convidei todos a participar de outro jogo cooperativo: **“Cadê o coelho?”**: Uma criança sai da sala de aula e fica com os olhos vendados. O restante da turma esconde o coelho em algum canto da sala para aquela criança descobrir onde está. Ela terá que encontrar o coelho com a ajuda da turma, que lhe dará orientações para localizá-lo.

Figura 10 - “Cadê o coelho?”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Nesse jogo, a participação e a cooperação entre as crianças foram essenciais para que o objetivo de encontrar o coelho fosse concluído. Assim, a turma teve que estabelecer um código de orientação para ajudar o coleguinha que estava vendado. Quando ele estava perto do coelho, as crianças faziam barulhos altos, e quando estava longe, barulhos baixos. A criança que tinha o papel de encontrá-lo explorava o espaço pelo tato e audição.

Figura 11 - “Cadê o coelho?”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

O jogo foi muito acolhido pelas crianças, que quiseram mais uma rodada. Outra criança foi chamada para encontrar o coelho que estava escondido em outro lugar da sala de aula. A turma se organizou novamente para ajudá-la.

Figura 12 - “Cadê o coelho?”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Como destacou Soler (2009), os jogos cooperativos são também jogos infinitos, pois enquanto as crianças se divertem, eles não têm fim. A turma, em colaboração, concluiu os objetivos de encontrar o coelho e de se divertir!

Figura 13 - “Cadê o coelhinho?”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Este jogo foi baseado na obra *Brincar cooperativo*, de Marcos Teodorico Pinheiro de Almeida, publicada em 2010. O jogo “Cadê o coelhinho?” é uma adaptação dos jogos cooperativos “Passarinho no ninho” e “Cobra no buraco”.

No terceiro encontro, em 5 de abril de 2019, eu apresentei às crianças mais dois jogos cooperativos:

“Chapéu mágico”: Comecei o jogo contando uma história motivadora sobre o chapéu: O chapéu seria mágico e a criança que o colocasse na cabeça teria um poder. Esse poder seria o da imitação. Assim, o gesto que a criança possuidora do chapéu realizasse, todas as crianças fariam o mesmo.

Figura 14 - “Chapéu mágico”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

O recurso da música no jogo cooperativo Chapéu mágico foi essencial, pois “a música é extremamente motivadora e seduz quem participa de um jogo” (SOLER, 2011, p. 11). Quando elas perceberam que cada uma teria a sua vez para ser o “dono do chapéu mágico”, se enturmaram ainda mais e participaram animadas, pois o jogo só aconteceria com a contribuição delas.

Além disso, neste jogo, habilidades foram desenvolvidas como o raciocínio, a atenção e a observação. A integração social era o objetivo principal do jogo.

Este jogo foi baseado na obra *100 jogos cooperativos com música: jogos para celebrar a cooperação*, de Reinaldo Soler (2011).

Depois, apresentei às crianças outro jogo cooperativo:

“Leia o meu crachá”: Neste jogo, metade da turma teria a posse de um crachá com alguma figura, enquanto a outra metade ficaria sem. Quando a música era pausada, cada uma deveria formar um par: uma criança com o crachá e outra sem o crachá. O par deveria executar o que o crachá significava. Logo depois, a criança possuidora do crachá o passaria para o seu par, que antes não o tinha.

Quando a música tocava novamente, as crianças se movimentavam pela sala e dançavam, mas ao ser pausada a música mais uma vez, elas procurariam outro par para executar o que outro crachá significava, e assim por diante.

Figura 15 - “Leia o meu crachá”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

Neste jogo cooperativo, a convivência, a cooperação e o incentivo ao espírito coletivo foram estimulados. As crianças puderam participar e ao mesmo tempo se divertir. A música também foi essencial para descontrair a turma.

Figura 16 - “Leia o meu crachá”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

O jogo “Leia o meu crachá” também foi baseado no livro *100 jogos cooperativos com música: jogos para celebrar a cooperação*, de Reinaldo Soler (2011).

No dia 15 de abril, a pedido da turma, as crianças participaram do jogo:

“Boliche cooperativo”: Foi um desafio tornar um jogo bastante competitivo em cooperativo. Portanto, para que o jogo se tornasse cooperativo, a turma inteira deveria participar da jogada. Uma das crianças teria os seus olhos vendados, e caberia a ela acertar os pinos que estavam numerados de 1 a 8. A turma ficou com a função de orientar a criança que estava com os olhos vendados, para que ela pudesse concluir o objetivo do boliche.

Figura 17 - “Boliche cooperativo”



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

No último momento, as crianças participaram do grupo focal com o varal de reflexões. O varal continha fotos de todas as brincadeiras e jogos cooperativos os quais as crianças haviam participado durante esses quatro encontros. A turma conversou sobre como as brincadeiras e os jogos tinham sido para elas.

Figura 18 - Varal de reflexões



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

O varal de reflexões foi muito importante para lembrar as crianças sobre todos os jogos e brincadeiras vivenciados durante os encontros.

Figura 19 - Turma registrando os jogos e as brincadeiras cooperativos



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

O desenho foi essencial para as crianças apontarem o que mais gostavam dos momentos dos jogos e das brincadeiras de valor cooperativo.

3 RESULTADOS

3.1 Os desenhos das crianças

Ao final de cada encontro, foram solicitados às crianças registros (desenhos) sobre o que elas tinham vivenciado das brincadeiras e dos jogos cooperativos.

De acordo com Natividade, Coutinho e Zanella (2008, p. 9):

O desenho expressa significados compartilhados socialmente, porém os sentidos que o autor/criança atribui ao desenho produzido somente podem ser compreendidos com as explicações da criança sobre o que produziu. Por meio da verbalização sobre o desenho é que se podem obter informações significativas sobre o contexto histórico-cultural em que a criança vive e como o significa.

Os desenhos foram feitos pelas crianças para que expressassem o que aquele jogo ou brincadeira tinha significado para elas. Cada criança, em sua singularidade, fez o seu registro. O desenho, assim como o grupo focal e a entrevista, possibilitaram um retorno, a opinião e as contribuições da turma diante todas as brincadeiras e jogos cooperativos apresentados a ela.

Na hora do desenho, que acontecia após as brincadeiras e os jogos, a sala era reorganizada, para que as crianças pudessem realizar os registros. Os desenhos eram a última etapa a ser realizada em cada encontro, pois estes eram o retorno e os apontamentos das crianças sobre as brincadeiras e os jogos que elas haviam participado naquele dia.

Desenhos do jogo cooperativo: Passando o bambolê

Figura 20 - Desenho da Valentina



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

Após o término do desenho, perguntei a ela o que tinha feito. Ela descreveu que estavam ela (no centro) e os seus dois coleguinhas brincando de “Passando o bambolê”. Neste desenho, percebi a afetividade e a expressão de felicidade no rosto dela e dos coleguinhas que tinha representado através do desenho.

Figura 21 - Desenho da Rafaella



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

A Rafaella disse que se desenhou (no canto esquerdo do desenho) segurando o bambolê e passando para as suas amigas, também desenhou corações, o sol, flores e uma coroa. Ao observar o seu desenho, percebo que a Rafaella expressou bastante afetividade, como retratado pelos corações e pela expressão das crianças representadas.

Desenho do jogo cooperativo: Abraços musicais

Figura 22 - Desenho do Felype



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

O Fellype me contou que se desenhou (embaixo do sol) e os seus coleguinhos da turma participando do jogo: “Abraços musicais”. Ele contou que gostou do jogo porque podia brincar com os seus amigos e dançar.

Desenhos da brincadeira cooperativa: Reloginho

Figura 23 - Desenho da Valentina



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

A Valentina disse que se desenhou (segurando a corda) e a sua amiga (pulando). As duas estavam brincando de “Reloginho”. O uso de cores vivas e alegres e a expressão de felicidade no rosto das crianças representadas expressa o quanto que uma brincadeira cooperativa pode ser importante para o desenvolvimento e socialização de crianças.

Figura 24 - Desenho da Samila



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

A Samila se desenhou (no canto direito da figura), pulando a corda com as suas duas amigas. Elas estavam brincando no pátio, que tinha balões amarelos no teto. Novamente, percebe-se uma expressão de alegria no rosto das crianças representadas e a brincadeira em grupo.

Desenho do jogo cooperativo: Cadê o coelhinho?

Figura 25 - Desenho do Heitor



Fonte: Arquivo pessoal da autora, março de 2019.

O Heitor contou que se desenhou (de roupa azul) embaixo do coelhinho (que estava pendurado no teto da sala). Ele falou que tinha desenhado o jogo “Cadê o coelhinho?” Eu perguntei o que tinha ao lado dele colorido de amarelo, ele disse: “tia, aqui é a girafa!”. Eu perguntei: “Uma girafa?”. Ele respondeu: “É, tia! Uma girafa! Está ali na parede!”. Quando eu olhei para a parede da sala de aula, lá estava a figura de uma girafa. O Heitor, além de retratar o jogo, ainda atentou-se para detalhar o espaço da sala de aula, onde o jogo aconteceu.

Desenhos do jogo cooperativo: Chapéu mágico

Figura 26 - Desenho da Lara



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

A Lara registrou o jogo do Chapéu mágico. “Eu desenhei o jogo do chapéu!” Ela me disse que se desenhou com o chapéu na cabeça e que as outras crianças tinham que imitá-la.

Figura 27 - Desenho da Victória



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

A Victória me contou: “É uma menina com o chapéu e ela vai dar o chapéu para mim!”. Neste desenho, ela expressou interação social e afetividade. Além disso, representou em seu desenho, a dança como relatado por ela: “Eu também estou dançando para pegar o chapéu!”.

Desenhos do jogo cooperativo: Leia o meu crachá

Figura 28 - Desenho da Valentina



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

A Valentina registrou a brincadeira do crachá. Ela se retratou como a criança ao lado da flor. Neste desenho, percebi a afetividade, a socialização e a alegria pela expressão das duas crianças representadas.

Figura 29 - Desenho da Samila



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

Neste desenho, a Samila me contou: “A gente estava brincando com o crachá”. Eu perguntei se ela estava usando o crachá no jogo e ela me respondeu que sim. Em seu desenho, percebi que ela se atentou à regra de organização dos pares: uma criança com o crachá e outra sem. Ela me disse que desenhou as duas crianças do lado direito do desenho com o crachá e as duas crianças do lado esquerdo do desenho sem o crachá.

Desenhos do jogo: Boliche cooperativo

Figura 30 - Desenho da Lara



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

A Lara se desenhou (ao lado da árvore) com as suas duas amigas brincando de boliche. Contou-me que as suas amigas estavam torcendo para ela ganhar. As garrafinhas pintadas de verde são os pinos. Além disso, desenhou as nuvens e o sol.

Figura 31 - Desenho da Aurora



Fonte: Arquivo pessoal da autora, abril de 2019.

A Aurora descreveu o seu desenho assim: “A gente no boliche!” simples assim. Ela disse que desenhou as garrafinhas coloridas e numeradas, as suas amigas, as nuvens e o sol. A Aurora gostou bastante do jogo do boliche cooperativo.

Observou-se que a turma demonstrou interesse em realizar os desenhos. Cada criança expressou-se do seu modo e registrou o que tinha sido mais significativo para ela em cada jogo e brincadeira.

3.2 A análise dos desenhos das crianças

Ao analisar os desenhos das crianças, é fundamental entender o que cada uma quis registrar, ou seja, o que os seus desenhos significam segundo elas; para isso, é necessário ouvi-las e questioná-las quanto às suas produções. “É importante considerar tanto o processo de desenhar, as condições de sua produção – que necessariamente requerem o olhar para as relações entre pesquisador e sujeito da pesquisa – quanto o produto final” (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008, p. 9).

Portanto, nos momentos da produção dos desenhos, o acompanhamento nesse processo por parte da pesquisadora foi fundamental, pois, dessa forma, era possível observar como as crianças realizavam suas produções, que materiais utilizavam para compor os seus registros e como apontavam as brincadeiras e os jogos cooperativos em seus desenhos.

Durante a produção dos desenhos, foi essencial o olhar e a escuta sensíveis para com cada criança, pois esta descrevia o que havia representado em seus desenhos. Os apontamentos feitos por cada pequeno revelaram importantes aspectos do brincar e do jogar em uma perspectiva cooperativa.

Percebeu-se que a maioria das crianças utilizou cores alegres como amarelo, azul, laranja, rosa e verde em suas representações. Para Kolck (1981), as cores expressam afetos, emoções e sentimentos. Além disso, alguns pequenos, em seus desenhos, registraram a turma em momentos de felicidade, tais como visto na expressão facial das crianças representadas.

Ao analisar cada desenho, foi importante considerar os elementos que os jogos e as brincadeiras de valor cooperativo podem trazer como alegria, inclusão, participação, paz e união a partir dos registros e apontamentos feitos pelas crianças participantes.

Então, em cada desenho feito pela turma, foi observado se esses aspectos, relacionados à cooperação, estavam presentes. Percebeu-se que as crianças apontaram elementos fundamentais da cooperação como a própria afetividade expressa através de corações, de flores, e do semblante de alegria das crianças representadas, que brincavam em um contexto de amizade, de inclusão, de participação e de união, por exemplo. Isso demonstra que os jogos e as brincadeiras de valor cooperativo podem contribuir para a formação de bons valores em crianças que estão na pré-escola.

3.3 O grupo focal com varal de reflexões

Como relatado anteriormente, o grupo focal com o varal de reflexões aconteceu com o intuito de compreender qual o sentido que as brincadeiras e os jogos cooperativos têm para as crianças. No último encontro, no dia 15 de abril, realizei com a turma o nosso varal de reflexões para relembrar todas as brincadeiras e jogos cooperativos os quais a turma tinha participado. Este varal continha fotografias da turma participando das brincadeiras e dos jogos cooperativos. Depois de observarem as fotos, as crianças se organizaram em uma roda de conversa para fazer os apontamentos sobre as brincadeiras e os jogos cooperativos:

MARISA: Galerinha, vocês gostaram das brincadeiras?

CRIANÇAS: Gostamos!

CRIANÇA 1: Ô tia, ô tia, quem está ligando para você?

MARISA: É que está gravando. Eu estou gravando vocês (gravador de voz).

CRIANÇAS: Ah, tá!

MARISA: A gente brincou com brincadeiras e jogos COOPERA...

CRIANÇAS: TIVOS!

MARISA: Muito bem! O que a gente faz nesses jogos cooperativos?

CRIANÇAS: Jogar boliche!

MARISA: Muito bem! O boliche a gente fez como?

CRIANÇA 1: É assim ó...

MARISA: Isso! Jogando a bolinha lá no pino, né? Mas ao invés de jogar contra o coleguinha, a gente jogou como?

CRIANÇAS: Ajudando um com o outro!

MARISA: Como é que é?

CRIANÇAS: Ajudando um com o outro!

MARISA: Muito bem! Ajudando um ao outro né? Não é legal assim quando a gente brinca com o outro? Olha, a gente brincou com o bambolê, não foi? O bambolê foi legal?

CRIANÇAS: Foi!

MARISA: A gente brincou do abraço musical. Quem se lembra do abraço musical, que a gente tinha que dar um abraço no colega?

CRIANÇAS: EU!

MARISA: Não tinha que abraçar o colega quando a música parava?

MARISA: Deixa eu sentar aqui no meio (da rodinha).

CRIANÇA 2: Teve a brincadeira do chapéu!

MARISA: Do chapéu! Como que era a brincadeira do chapéu?

CRIANÇA 2: A gente botava o chapéu e os outros imitavam o que a gente fazia.

MARISA: Muito bem!

CRIANÇA 3: Também tem a brincadeira do tambor que eu inventei. Tu tem que pegar um tambor, tem que ver quem vai fazer o barulho mais alto pra vencer o jogo.

MARISA: Muito bem! Ah do coelhinho!

CRIANÇA 3: Não, a do tambor!

CRIANÇA 4: Ô tia, agora é minha vez. A do coelhinho é assim, uma pessoa tinha que ficar fora da sala, aí o coelhinho estava num lugar, aí tinha que achar ele, mas não podia falar onde.

MARISA: Muito bem! A Victória falou uma coisa muito legal do jogo do coelhinho. A Victória vai falar de novo. Fala Victória, de novo.

CRIANÇA 4: É daquela que uma pessoa tinha que ficar fora da sala, vendada, e aí o coelhinho estava em um lugar, e aí tinha que achar, mas não podia dar dica, se não saía da brincadeira.

MARISA: Muito bem Victória! Qual foi a outra brincadeira que a gente brincou também? O jogo?

CRIANÇA 5: De boliche!

MARISA: Do boliche. Foi hoje, né? O boliche cooperativo.

CRIANÇA 6: E do crachá!

MARISA: Como que era a do crachá?

CRIANÇA 6: A pessoa que não tinha um crachá iria procurar uma pessoa que tinha um crachá e depois iria pegar o crachá e imitar a coisa. Depois, outra pessoa que não tinha ia pegar e dar pra outra pessoa.

MARISA: Muito bem!

CRIANÇA 7: A brincadeira do relóginho...

MARISA: Ah é! Como que é a brincadeira do relóginho?

CRIANÇA 7: A gente tem que pular da corda que a tia roda. A gente tem que pular, se encostar, perdeu!

CRIANÇA 8: O bambolê!

MARISA: Como que era a do bambolê?

CRIANÇA 8: Tem que passar...

CRIANÇA 9: Passar na roda...

CRIANÇA 8: Passar o braço por braço... É bem legal... Essa brincadeira...

CRIANÇA 9: Passar a perna!

MARISA: Isso mesmo!

CRIANÇA 10: Teve a brincadeira do chapéu!

CRIANÇA 11: Do bambolê...

MARISA: Muito obrigada! Viu galerinha?

CRIANÇA 10: Teve a do chapéu!

MARISA: Como que era a do chapéu?

CRIANÇA 10: É porque escolheu uma pessoa pra brincadeira do chapéu e depois passava para outra pessoa que passava pra outra pessoa.

MARISA: Isso mesmo! Alguém quer falar mais alguma coisa?

CRIANÇA 11: Eu não sei...

CRIANÇA 12: Nem eu...

MARISA: Vocês gostaram das brincadeiras e dos jogos que eu trouxe?

CRIANÇAS: Sim!

Os apontamentos das crianças trouxeram importantes contribuições para o trabalho. A questão de ajudar um ao outro, como relatado por elas no jogar e no brincar em uma perspectiva cooperativa, de exercitar os músculos maiores do corpo para dançar, passar o bambolê, pular e jogar um objeto no alvo, por exemplo, foram fundamentais para desenvolver habilidades de coordenação motora grossa, para a interação social e para o envolvimento delas nos jogos e nas brincadeiras.

Portanto, ao discutir sobre o trabalho em grupo, o respeito ao próximo e a socialização entre as crianças, aspectos competitivos também foram levantados por elas, como “ganhar” e “perder” como relatado em suas falas. A turma pode aprender que nos jogos e nas brincadeiras, cooperativos, as vitórias e as derrotas são compartilhadas por todos.

4 ESCOLA, ESPAÇO MOTIVADOR DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

A escola pode se tornar um espaço fundamental para cultivar bons valores, para valorizar a solidariedade, o respeito ao próximo, a tolerância, a convivência e a paz. Como relatado por Almeida (2010), ensinar a aprender a viver juntos é um grande desafio para a educação do século XXI.

Em um contexto capitalista e individualista, questões como competitividade, rivalidade, superioridade e intolerância são passadas de geração em geração. Tais atitudes podem trazer a exclusão, a desunião e a intolerância entre as pessoas.

Quando a escola se propõe a cultivar outros comportamentos e ensinamentos, que valorizam o espírito de cooperação e inclusão, ela pode proporcionar às suas crianças uma vivência rica sobre as relações humanas e sobre os bons valores como a fraternidade, a inclusão e o respeito.

A família também tem um papel muito importante a desempenhar na formação de suas crianças. É imprescindível que os pais ou os responsáveis acompanhem o desenvolvimento dos seus pequenos, tanto nos âmbitos cognitivos, quanto na construção dos valores e do caráter.

Na escola, é imprescindível que os professores valorizem as vivências e contemplem as realidades de suas crianças. Quando jogos e brincadeiras de valor cooperativo são acolhidos no dia a dia escolar dos pequenos, estes podem vivenciar um novo olhar sobre o jogar e o brincar e podem aprender importantes valores e lições para a vida.

A educação para a paz é essencial para a formação do ser humano. A escola e a família devem se comprometer a cultivá-la desde cedo no dia a dia de suas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender quais são as contribuições que os jogos e as brincadeiras, cooperativos, podem trazer para a formação de crianças que cursam a pré-escola, bem como, a percepção que as crianças têm desses jogos e brincadeiras. Para isso, novas possibilidades de jogos e brincadeiras foram levadas para uma turma de 21 crianças do 2º período da Educação Infantil de uma escola pública localizada na Asa Norte, Brasília - DF. Esta pesquisa se concretizou através do interesse das crianças, as quais se dispuseram a participar dos jogos e das brincadeiras de cunho cooperativo.

Durante o período de pesquisa, brincadeiras e jogos cooperativos foram apresentados às crianças para que elas pudessem participar e vivenciar outro olhar do brincar, ou seja, o brincar e o jogar em cooperação.

Desta forma, o desenho foi uma ferramenta fundamental para as crianças darem um retorno do que tinham aprendido sobre os jogos e as brincadeiras, ambos cooperativos. Ao registrar o que haviam participado, revelaram importantes valores em seus desenhos, como a união, a cooperação e a inclusão. Notou-se que a maioria desenhou a turma como uma equipe, em momentos de alegria.

Além disso, os resultados da pesquisa indicam que as crianças gostavam de desenhar e se apropriavam do que registravam. Alguns pequenos retrataram em seus desenhos espaços ao ar livre com árvores, sol e flores. No entanto, as brincadeiras e os jogos aconteceram no espaço interno da escola. Considera-se bastante significativa a interpretação de espaço que essas crianças fizeram, ao associar natureza com amizade, felicidade, liberdade e paz.

Ressalta-se que o professor pode se comprometer a trazer para a sua turma novas possibilidades de jogar e de brincar, ou seja, a contemplar os diversos modos de se fazer brincadeira ou jogo, para, assim, incluir todas as crianças e respeitar as suas especificidades e contribuições.

Outro fator importante a considerar é a valorização das vivências de cada criança. É fundamental que o professor e a família valorizem suas crianças, tanto no que elas têm a ensinar quanto a aprender. Os conhecimentos prévios e as experiências que elas trazem para a sala de aula devem ser levados em consideração. Isso possibilita ao docente que ele elabore momentos de brincadeiras e jogos a partir do olhar delas.

Em relação ao grupo focal com o varal de reflexões (contendo fotos da turma participando dos jogos e das brincadeiras, cooperativos), percebeu-se que as crianças, em suas falas, trazem as contribuições dos jogos e das brincadeiras, cooperativos, para elas, seja para

dividir, unir, incluir, ajudar ou simplesmente divertir. O varal de reflexões foi bastante importante para contemplar todos os jogos e brincadeiras de cunho cooperativo que as crianças haviam participado.

A partir dos desenhos, dos apontamentos realizados pelas crianças e do grupo focal com o varal de reflexões, nota-se que os jogos e as brincadeiras, cooperativos, podem propiciar a socialização, bem como estimular o jogar e o brincar a partir do respeito às especificidades de cada criança.

Quanto às regras, percebe-se que a turma demonstrou atitude para modificá-las ou adaptá-las quando necessário, como no jogo: “Cadê o Coelhoinho?”, o código de orientação para encontrar o coelho foi adaptado pela própria turma para ajudar o colega que estava na missão de encontrar o objeto. Durante a participação da turma nas brincadeiras e nos jogos cooperativos, percebeu-se que ela demonstrou respeito às regras.

Os jogos e as brincadeiras, cooperativos, aliados ao recurso musical e à dança, foram essenciais para motivar e favorecer maior interação social entre as crianças participantes e fundamentais para desenvolver habilidades de coordenação motora grossa, pois animavam as crianças e exigiam movimentos que envolviam os músculos maiores do corpo, como pular (brincadeira “Reloginho”), dançar (jogo “Abraços musicais”) e lançar um objeto no alvo (jogo “Boliche cooperativo”).

Observa-se que os jogos e as brincadeiras de valor cooperativo podem colaborar para o desenvolvimento de atitudes de confiança, bem como autoconfiança, o que favoreceu tanto no âmbito social quanto emocional das crianças participantes.

Por fim, destaca-se a importância da escola, para que se comprometa a cultivar uma educação de paz para as suas crianças. Em um mundo cada vez mais competitivo e individualista, é importante que valores como solidariedade, respeito, união e inclusão sejam contemplados.

PARTE 3

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Uma fase muito importante em minha vida está sendo concluída. Toda a minha trajetória até agora me levou para os caminhos da educação. A Pedagogia foi um curso muito enriquecedor para mim, pois eu tive a oportunidade de vivenciá-la na prática e na teoria, além disso, interessei-me pelas muitas possibilidades que o curso me ofereceu. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (Pibid) foi essencial para a minha formação.

A educação é muito importante, ela é capaz de transformar um ser humano e mudar a sua realidade. Eu pretendo continuar os meus estudos, fazer uma nova graduação em Educação Física ou em Fisioterapia e realizar uma pós-graduação.

Se estiver nos planos de Deus, gostaria de ser professora da Educação Básica do Distrito Federal e atuar nas seguintes áreas: na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação Especial, na Educação de Jovens e Adultos, na Pedagogia Hospitalar ou na Pedagogia Empresarial.

Pretendo fazer um curso sobre primeiros socorros, pois é fundamental que todo o professor/estudante tenha noções básicas de assistência e primeiros cuidados. Penso ser demasiado importante o ensino de primeiros socorros para crianças e adolescentes de escolas públicas. Também almejo aprender novas línguas, como espanhol, francês, italiano e latim. Pretendo estar sempre me qualificando e estudando para ser uma boa profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro De. **Brincar cooperativo: vivências lúdicas de jogos não competitivos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- ALMEIDA, Paulo Nunes De. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- ARFOUILLOUX, Jean Claude. **A entrevista com a criança: a abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BALIULEVICIUS, Nanci Luz Pimenta; MACÁRIO, Nilza Magalhães. Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico. **Fitness & Performance Journal**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 50-56, 2006.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BROTTO, Fábio Otuzzi. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!** Santos: Ed. Re-Novada/Projeto Cooperação, 1997.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CORTONESI, Leandro Masuda. Brincar cooperativo. In: ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro De (Org.). **Vivências lúdicas de jogos não competitivos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 9-10.
- DINELLO, Raimundo Angel. **Expressão lúdico criativa**. 3. ed. São Paulo: Coedição Soma, 1990.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal**. 2. ed. Brasília: SEDF, 2018a.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Infantil**. 2. ed. Brasília: SEDF, 2018b.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Projeto Político-Pedagógico Jardim de Infância XXX**. Brasília: SEDF, 2018c.
- FERNÁNDEZ-RÍO, Javier et al. **Atividades e jogos cooperativos**. Trad.: Guilherme Summa. Petrópolis: Vozes, 2015.

- FRIEDMANN, Adriana. **O direito a brincar**: a brinquedoteca. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- INTERNATIONAL PLAY ASSOCIATION. **Declaração**: O Direito da Criança Brincar. 1977. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/declaracao-o-direito-crianca-brincar/>>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta. **Jogos em grupo na educação infantil**: implicações da teoria de Piaget. Trad.: Marina Célia Dias Carrasqueira. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- KOLCK, Odette. **Interpretação psicológica de desenhos**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1981.
- MEAD, Margaret. **Cooperation and competition among primitive peoples**. New York and London: Mc Graw-Hill Book, 1937.
- NATIVIDADE, Michelle Da; COUTINHO, Maria; ZANELLA, Andréa. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, RS. v. 1. n. 1, p. 9-18, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822008000100002>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- REZENDE JÚNIOR. Luiz Nolasco De. A aprendizagem lúdica e o adolescente com restrição de liberdade. In: SÁ, Antônio Villar Marques De et al. (Org.). **Ludicidade e suas interfaces**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 105-122.
- SÁ, Antônio Villar Marques De et al. (Org.). **Ludicidade e suas interfaces**. Brasília: Liber Livro, 2013.
- SEBRAE. **Tudo sobre organizações não governamentais**. 2019. Disponível em: <www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-uma-organizacao-naogovernamental-ong,ba5f4e64c093d510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- SOLER, Reinaldo. **Esporte cooperativo**: uma proposta para além das quadras, campos e pátios. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.
- SOLER, Reinaldo. **100 jogos cooperativos com música**: jogos para celebrar a cooperação. Rio de Janeiro: Sprint, 2011.
- UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. 1959. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em: 1 abr. 2019.